

CIDADE DA ARTE: INSURGÊNCIAS POÉTICAS NAS MARGENS DE ABAETETUBA-PA.

JONES DA SILVA GOMES

jones@ufpa.br

RESUMO

A cidade ressurgue neste trabalho como tema do imaginário mediante a obra de arte que se manifesta pelas poéticas amazônicas. A Cidade da Arte são imagens de relações sociais que se autoproduzem numa dada comunidade e reinventa-se em Abaetetuba/PA pelos: Autos, Quadra Junina, Semana de Arte e Festival do Miriti. Nestes eventos observei um compartilhar de processos criativos que se fez compreender nas diferenças entre arte e entretenimento numa cidade ribeirinha. Identifiquei as tradições que ecoam em criações de artistas dos mais distintos gêneros no “estar juntos” de movimentos, cores, entalhes, palavras, gestos e sons. Nossa hipótese apontou para as imagens que agregam à cidade um fato sociológico – suas comunidades das artes.

Palavras chave

Imaginário, Comunidade da Arte, Amazônia.

ABSTRACT

The city reappears in this work as a theme of the imaginary through the work of art that is manifested by Amazonian poetry. The City of Art are images of social relations that are self-produced in a given community and reinvented in Abaetetuba / PA by: Autos, Quadra Junina, Art Week and Miriti Festival. In these events I observed a sharing of creative processes that became understood in the differences between art and entertainment in a ribeirinha city. I have identified the traditions that echo in creations of artists of the most distinguished genres in the “being together” of movements, colors, carvings, words, gestures and sounds. Our hypothesis pointed to the images that add to the city a sociological fact - its communities of the arts.

Key-words

Imaginary, Art Community, Amazon



*Ítaca não te iludiu
Se a achas pobre.
Tu te tornaste sábio, um homem de experiência.
E, agora, sabes o que significam Ítacas.
konstantínos Kaváfis*

A CIDADE É UM DOS berços da imaginação e lugar de experiências estéticas que mediam relações sociais. Weber (1999) em sua tipologia não deixou de aproximar as imagens das comunidades urbanas para a distinção das cidades no ocidente: *Cidade principesca, cidade de agricultores, cidade de consumidores, cidade de produtores* é neste sentido, que uma cidade da arte nasce de um número variado de comunidades. Tratando-se de um empreendimento investigativo semelhante ao que Argan (1992) fez ao reafirmar a história da cidade pela arte, proponho a aproximar o tema da arte e da sociedade. Parece-me, que esse não

seja um problema novo, o fato de localizarmos a cidade no centro de preocupações sociológicas, já era um dado desde os primeiros registros do pensamento social no século XIX, todavia, aqui a cidade ressurge como uma metáfora da vida comum que também é imaginada pela arte. Vejamos a Paris de Baudelaire¹ ou os Campos de Cachoeira de Dalcídio Jurandir², e já daria pra conjugar as imagens das cidades à literatura, que também é uma forma de arte.

A atividade da arte para o presente estudo consiste na, *i*) articulação de imagens da cidade como memórias dos eventos da Cidade e, *ii*) descrição de processos criativos e festivos gerados por um “estar juntos” na cidade. Por ambas as questões, a arte surge como uma atividade que corrobora na criação de um mundo sensível às formas sociais, despertando a criatividade para a comunicação mútua.

Abaetetuba é uma “Cidade da Arte”, porque a exemplo de seu mito fundador, a Pacoca³, que emerge como encantaria na cena urbana pela comunidade da arte, o mito se apresenta aqui como fenômeno semelhante ao que Backos (1985) classificou de imaginário social. Em suas ilhas, ramais, ruas, praças, ateliês, quintais, ginásios e palcos, percebemos um “estar juntos” mediado pela arte e expresso em sonoridades, poesias, gestos, cores, objetos, sabores e semânticas culturais das margens de uma cidade ribeirinha da Amazônia.

Ora as linguagens das artes numa urbanidade das águas rerepresentam formas de pertencimentos e a criatividade do ribeirinho. Essa fato me leva a pensar as insurgências que se manifestam nas imagens da cultura popular. Tal como se apresenta, a atividade da arte vem a ser entendida aqui como um meio de se contrapor ao paradoxo das imagens, recolocando-se como forma questionadora do entretenimento.

Por outro lado, questionar as práticas do entretenimento que ganhou ênfase nos últimos quarenta anos na cidade de Abaetetuba, conjuntamente com os meios de comunicação que ajudaram na

proliferação da violência midiática e a consequente desvalorização da cultura local, aprofundou a ausência ou a subtração de espaços adequados as práticas artísticas tradicionais. Contudo, esses eventos desobedeceram tal dinâmica de entreterimento e deram continuidades as tradições locais. Ou seja, tal percepção ganhou destaque ao se questionar a naturalização das imagens tradicionalmente presentes nas manifestações artísticas e culturais da sociedade abaetetubense, e, como morador da cidade passei a refletir sobre o seu lugar do imaginário no compartilhar da obra de arte e sua capacidade mobilizadora de ajuda mútua por muitas sensibilidades, sejam elas traduzidas por aquilo que a mídia contemporânea apresenta ou, pelo o que ainda persiste das tradições locais.

Portanto, este artigo destaca alguns resultados da minha tese de Doutorado⁴ intitulada *Cidade da Arte: uma poética da resistência nas margens de Abaetetuba-PA*, onde a cidade de Abaetetuba é vista pela dimensão estética em interface com os fatores históricos e culturais, onde se vincula fatos, obras, pessoas e grupos a partir de uma análise tipológica Weberiana. Destaca-se ainda a compreensão de que o imaginário institui relações de ajuda mútua por meio da arte, resistindo ao entretenimento que no geral conhecemos na Amazônia pelo “tecno” cuja extensão, sabemos, trazem distintos problemas sociais. Logo, a cidade “comporta-se” a medida de suas imagens, e esta é a tese que temos defendido, mesmo sabendo de suas gradações conceituais.

Nos últimos sessenta anos, Abaetetuba, município localizado no nordeste paraense a 150 Km de Belém-PA, guarda imagens que mediam a imaginação a seu respeito: “Perola do Tocantins”, “Terra da Cachaça”, “Cidade da Bicicleta”, “Medelín Nacional”, “Cidade do Medo”, são entre outros, rótulos que lhes é conferido. Sua condição de interposto econômico no Baixo Tocantins e Marajó, ao longo da economia tradicional, sucedeu a condição de “Cidade dormitório” para trabalhadores de projetos de grande porte instalados na região a partir da década de 1980. Atualmente, consolida-se no município a

vocação para o comércio e se instala um processo de metropolização. Nessa dinâmica de usos e novos hábito urbanos, a negação do rio marca o afastar-se do mundo rural e o conseqüente esquivar-se da natureza e das tradições, ou seja, o não olhar a cidade pelas suas margens, caracteriza as novas gerações de ribeirinhos.

As ausências de espaços de artes, tais como, os já consagrados no mundo ocidental, como: teatros, museus, salas de música e dança, formação de público e crítica de arte, e o alto consumo de drogas, acesso restrito a renda, educação e saúde; em seu conjunto reforçam o desconhecimento dos processos estéticos nesta Abaetetuba submersa. Contudo, a negação de sua condição ribeirinha dará a arte o papel de reler as paisagens amazônicas inscritas em ilhas, mitos, rios, objetos, gestos, ritmos, sons, memórias e jardins, e, reinventá-los pela criação mútua. Tais aspectos mostram-se decisivos para investigarmos outras imagens que se aderem à cidade de Abaetetuba: *Cidade dos Brinquedos*, *Cidade que Dança*, da *Tiração de Reis* e *Cidade dos autos*; essas são apenas algumas das imagens que observamos nestes eventos que os jovens e adolescentes figuram com uma vanguarda de poetas, músicos, coreógrafos, dançarinos, artesãos e atores mais experientes, além dos colaboradores e agentes públicos que se doam a experiências artísticas e culturais.

Daí podemos afirmar que se tratar de uma cidade encantada na cultura, naquilo que Loureiro (2000) considera ser uma poética do imaginário possível nas expressões populares das estéticas Amazônicas. Por conta desse aspecto, observo as imagens da arte na experiência cidadina de cada ano, um “estar junto” que envolve espectadores numa ludicidade festiva de realização da obra confraternizando e comovendo pessoas.

Os diversos eventos que se realizam na cidade promovem a criatividade pela poética, não sendo um mero suceder de imagens, são realizações estético-culturais fomentadas pela sociedade local num tempo de gerações, sobre o qual se erige a cultura popular. Nesse sentido,

entendo que a arte popular revela símbolos e vivências que apontam para as relações sociais e ajudam a mantê-las ou transformá-las.

Assim os estudos sobre o imaginário e fontes oriundas dos eventos de arte como: poemas, músicas, cenas, objetos, danças, pinturas, esculturas, foram gerando imagens que ajudaram-me a pensar: *i*) um conjunto de símbolos compartilhados pela arte que se constituem em imagens da Cidade de Abaetetuba; *ii*) Uma emoção compartilhada nos eventos que inscrevem as comunidades da arte na cena urbana.

A “Cidade da arte” deriva de motivações investigativas oriundas da necessidade de compreender dadas criações culturais. Vale destacar que a compreensão da comunidade da arte, se estabelece a medida que visualizamos as relações sociais mediadas pela obra, onde um mundo artístico se autoproduz, conceito esse que aparece quando evocamos os eventos que ocorrem ciclicamente em Abaetetuba como os autos, o Festival do Miriti, a Quadra Junina e a Semana de Arte Folclore, todos se configuram como realizações artísticas na cidade. Tal contexto analítico levou-me a identificar em que medida a arte popular pode gerar um “estar juntos” em meio a dispersão causada pela cidade? Em resposta, identifiquei comunidades no liminar das poéticas compartilhadas nos eventos.

O artista, o espectador, o anônimo, reescreve os textos da cidade pelo ato de bubuiar⁵, tal como o *Flâneur* das passagens de Benjamin (1989), e, passarão a ser coautores de muitas histórias. Por isso, apresenta-se um diálogo com pessoas que se envolveram nos eventos de artes, reunido por documentos (partituras, roteiros, livros diversos, letras de músicas, objetos, retira-se fotografias, telas, esculturas), testemunhos e outras fontes como a fotografia. Diante disso, busco entender a tipificação de cidade ribeirinha, depois refletir acerca das comunidades das artes nas margens da Amazônia, e, assim destaco os eventos de arte da cidade de Abaetetuba, colocando-os no plano de imagens que se diferenciam do entretenimento

A CIDADE E AS PAISAGENS DA ARTE NA AMAZÔNIA

A cidade ressurgue nesse trabalho como paisagem cultural da Amazônia, constituída pelas imagens insurgentes das muitas comunidades de imaginação. O imaginário é, dessa maneira, uma forma de conhecer legítima, à medida que nos ajuda a compreender os símbolos. Durand demonstra-nos que *as imagens que servem de base as teorias científicas mantem os mesmos limites, que as que inspiram contos e lendas* (DURAND, 1998, p. 41), ou seja, elas têm vasto poder explicativo. Para demonstrar as questões arroladas no tópicos abaixo, é preciso esclarecer que a cidade da arte como tipo ideal, ou seja, construção mental aparece num espaço bem particular da Planície amazônica e, que não devemos tomá-la para fins de generalização das imagens das cidades ribeirinhas.

Cidades ribeirinhas e o percurso do imaginário

Na região Amazônica onde a paisagem emoldura experiências estéticas únicas, Paes Loureiro nos lembra que *é preciso errar pelos rios, tatear no escuro das noites da floresta, procurar os vestígios e os sinais perdidos pela várzea, vagar pelas ruas das cidades ribeirinhas* (LOUREIRO, 2000, p. 7), é, nesse sentido que destaco os símbolos que pela inserção no cotidiana ribeirinho ajudam a constituir seu imaginário. O elemento água, por exemplo, presença constante na paisagem amazônica, pode ser analisada a partir do que Bachelard (2009) classificou no âmbito do onírico, da profundidade, e, ao mesmo tempo da imaginação criadora pela função estetizante que no caso da Amazônia se reflete no rio.

Não é à toa que o xamanismo e o catolicismo popular praticado na região, imbuíram-se do conteúdo fantástico das narrativas oriundas da crença nos encantados da mata e do fundo. O culto aos santos, tal como, Maués (2001) irá aprofundar em seus trabalhos, ao apresenta como a natureza e seus elementos (água, terra, árvores e astros) nas

PAISAGENS HÍBRIDAS

narrativas do boto, Yara, Cobra Grande, Uaraci, Tambataja, Curupira, conjuntamente, configuram alguns dos símbolos estruturantes de uma poética e cultura com forte função estetizante. Dessa forma, a cidade graceja-nos pelo cotidiano de uma urbanidade das águas tal como a Veneza descrita por Simmel (1995). Tais referenciais nos levam a pensar que suas ruas, janelas e casas, os rios, praças, barcos, ilhas, pontes, trapiches e ramais, traduzem cores múltiplas de uma cultura popular que pulsa na paisagem de Abaetetuba. Para Loureiro (2000), o imaginário na Amazônia produz uma dominante estética capaz de traduzir um trajeto que uma cidade faz ao transformar-se numa comunidade, reconhece-se uma estética do rio. Esta poética pode ser visualizada na ilustração 1.



Il. 1. Círio Fluvial Ribeirinho.
Fonte: Edney Souza, 2017.

As cidades ribeirinhas ecoam ares desse imaginário, muito em função das proximidades do mundo rural com o urbano, que segundo Junior; Tavares são *resultado de múltiplas temporalidades ou espacialidades conviventes e conflitantes, que conferem um caráter híbrido ao espaço* (JUNIOR e TAVARES, 2008, p.10-11), por isso, seria relevante pensar a abundância-carência, encantos-desencantos, tradição-modernidade, destes cenários amazônicos em sua profundidade sociológica, e como isto está presente na arte. Minha hipótese é a de que as muitas imagens de Abaetetuba, como: *Pérola do Tocantins, Terra da Cachaça, Cidade do Brinquedo de Miriti*, apontam ora para uma cidade encantada pela cultura, ora embebida no entretenimento.

Se recentemente Abaetetuba foi conhecida como a *Medelim Nacional* pelo tráfico de drogas, hoje, os eventos de arte que nela se manifestam, parecem elevar a imagem desse município paraense a um outro patamar que concorre pelo direito a Cidade. Exemplo desse contexto pode ser refletido na cidade da *Quadra junina* que tem se mostrado um evento com características distintas, afinal, como espetáculo de dança surge em meio a vários gêneros: tradicional, moderno; adulto, gays, mirim e de idosos, ou seja, a pluralidade se manifesta em toda a sua potencia nesses dias de festa.

Poderíamos dizer ainda que a musicalidade compõe outro gênero à parte que incide nos vários eventos de arte: Da *Tiração de Reis* (Il. 2) aos cordões de pássaros e bois, temos o colorido das tradicionais folias e autos: *Abre a porta da tua casa, venha ver a procissão do auto da padroeira da virgem da conceição* são os versos iniciais da música de Neuza Rodrigues⁶ chamando o povo para o auto conforme podemos observar na ilustração 3.

E a imagem recente da *Capital Mundial do Brinquedo de Miriti*⁷ na figura da comunidade de artesãos simboliza um fazer das margens que expõe o colorido, a alegria, a brincadeira e a espontaneidade da criança. As imagens como parte deste conhecimento sociológico



II. 2. Tiração de Reis.
Fonte: Jacilda Freitas, 2006.



II. 3. Auto da Padroeira.
Fontes: Jones Gomes, 2011.

do urbano, torna-se objeto de reflexão estética que aponta para um diálogo com a cidade, sendo assim, a arte expressa uma comunicação mútua, efetiva um encontro entre o indivíduo e a sua comunidade. A *Cidade da Arte* se reveste da abundância visual de uma região ainda encantada pela cultura, embora, marcada pelas experiências de descaso e dor, fornecendo elementos imagéticos para se pensar a civilidade das águas e suas margens. A partir disso, a manifestação artística aponta para a solidariedade à medida que a cidade passa ser vista como obra, como possibilidade de reconhecimento das paisagens culturais amazônicas e suas poéticas.

Comunidades das artes e a solidariedade nas Margens

A comunidade é uma ideias de ressonância na sociologia, e, que hoje ainda desafia as abordagens teóricas, quando traz para o centro do debate as relações face-a-face. O sociólogo Tönnies situou o problema como uma epifania das relações pessoais: O autor afirma: *Não conheço nenhum estado de cultura em que os elementos de *Gemeinschaft* e de *Gesellschaft* não estejam simultaneamente presentes, isto é misturados* (TÖNNIES, 1944, p. 3). Daí afirmar também que: *A própria relação pode ser compreendida ou como uma vida real e orgânica, essência da comunidade, ou como representação virtual e mecânica, essência da sociedade (idem, ibidem).*

O pensamento social sobre o tema da comunidade que segue de TÖNNIES (1944) a WEBER (1999), e, herdeiro destes MAFFESOLI (1986, p.10) caracteriza o tema como um “estar junto” que é o cimento de toda vida social, e que faz da globalização um “estilo estético” com ritmos e crenças de diferentes tribos, reatualizando a “comunidade que esgota sua energia na criação através do ritual, dos laços de solidariedade”. Este sentimento de “estar juntos” chega a esta reflexão por meio da comunidade da arte, os elementos estéticos da Amazônia que Paes Loureiro (2000) descreveu no conceito de comunidades emocionais, e, que emolduraram um diálogo entre o artista e a região.

Ora se numa comunidade, segundo Peter Burke, *entalhadores, cantores, contadores de história e o seu público formam os grupos que estão face a face partilhando os valores locais e os mitos e símbolos que exprimem esses valores* (BURKE, 2010, p. 50), tais valores ainda são presentes. O ribeirinho estabelece seu mundo no contato direto com a natureza e as tradições, e, nisto consiste sua vida comunitária, embora, este mundo não seja restrito a relação com o rio, ele será o húmus de sua criação estética comum. Sendo assim a *rua-rio* guarda os horizontes de seus modos de vida, já a *rua-asfalto* é um outro tempo-espaço que motiva o imaginário, apresentando as imagens, o desencaixe do espaço, que tem sua dimensão mais degradada no entretenimento.

Diante disto, fica a questão: até que ponto uma vivência comunitária nas margens das cidades ribeirinhas mobiliza as expressões da arte popular atualmente? Ora, foram as artes de fazer que permitiram os modos de vida ribeirinho. Exemplos relevantes desse processo são as comunidades católicas que organizam seus principais rituais (missas, festas, ladainhas, autos, oratórios) em torno do culto aos santos, numa linguagem que deu acesso as técnicas instrumentais, usos das linguagens orais, do canto, produção de adereços, compondo com outras estéticas um mundo rural singularizado; em Abaetetuba o *foifo*⁸, a *simbolada*⁹, os *pássaros juninos*¹⁰ e os brinquedos de Miriti (Il. 4 e 5), formaram uma conjugação de cores, ritmos, movimentos, sons e *performances* teatrais. Algumas destas artes de fazer ainda sobrevivem em meio a uma natureza e tradições que agonizam no “progresso” que vai aos poucos soterrando a cultura popular. A cerâmica marajoara e suas expressões na feira de Icoaraci, o uso do talento da pintura nas cuias de Santarém, são exemplos da Cultura Paraense mais próximos de nós. Vale a penas ainda destacar a Marujada de Bragança, o Boi de São Caetano de Odivelas e o Carnaval das águas de Cameté como estéticas híbridas.

Em Abaetetuba, os brinquedos de Miriti são uma dessas singularidades culturais, que para Paes Loureiro (2000) se define como arte do norte

Il. 4 e 5: Brinquedos tradicionais de Miriti.
Fonte: Valdeli Costa, 2017.



e perpassa uma comunidade emocional, tal qual já havia identificado Weber (2009). Estas formas de resistências de onde deriva o voltar para os rios, que permite o olhar para os brinquedos relembram as muitas infâncias que porfiaram nos barquinhos coloridos sobre as margens dos igarapés; ou mesmo pelo gesto de fé que acompanha os Girandeiros¹¹ no círio de Nazaré. A comunidade de artesãos e seus brinquedos transformados em arte pela ajuda mutua de gerações, expõe, segundo Nassar (1984), um “país submerso”, uma arte que abriga o imaginário do ribeirinho: o casal de namorados, a cobra, o soca-soca, a canoa, o tatu e a arara, também trouxe para o universo da cultura global, as imagens de uma “comunidade amazônica” pela paisagem encantada.

A cidade encantada nos eventos de artes

Vasta é a literatura sobre as cidades tanto na Geografia, Antropologia, bem como, na Sociologia e História. Se ficássemos com os autores paraenses em apenas uma época, temos Figueiredo (2008) *Cidade dos Encantados*, Junior e Trindade (2010) *As Cidades Ribeirinhas*; Costa (2009) *Festa na Cidade* e Rodrigues (2008) com *Vem do Bairro do Jurunas*. Seguimos nessa perspectiva demonstrando que Abaetetuba é uma cidade da arte, o mito da Pacoca em suas várias linguagens segundo Loureiro (2008) atrela a condição imaginária ao cotidiano que se funde a uma utopia social.

Os Abaetetubenses sabem que ela é uma cidade encantada. Ou era antes do processo de desencantamento do mundo ser iniciado também nela, pela explicação racional e pragmática de tudo. Estávamos certos que do outro lado do rio, na ilha da Pacoca, a boiúna adormecia no perau em frente a cidade de Abaetetuba. As seis horas da tarde de sempre, estendia-se ao longo da praia de alva areias da ilha da Pacoca. Quem lhe cortasse, de um só golpe de terçado, o estendido rabo, desencantaria a verdadeira cidade de Abaetetuba. A cidade visível desapareceria e em seu lugar, para a bem aventurança de seus habitantes

emergiria das regiões submersas nas águas doces do rio do devaneio, a cidade encantada, como um lugar onde todos seriam felizes, vivendo na igualdade, cultivando suas terras, na harmonia e na paz (LOUREIRO, 2008, p. 93).

Uma cidade da arte aparece nos seus eventos como dimensão antropológica: uma simbólica (mensagem), uma lúdica (criação) e outra festiva (encontro), as quais se articulam em linguagens contemporâneas e dialogam com o mito pelo conjunto de tradições e experiências de mundo mediadas linguisticamente, e, que auxiliam na interpretação. Segundo Gadamer: *Tradição estende-se desde o uso de instrumentos, técnicas e coisas afins, passando pelo artesanato, formas ornamentais ou pelo cultivo de usos e hábitos até a instauração de modelos* (GADAMER, 2010, p. 4).

Portanto, as tradições orientaram as práticas artísticas difundindo imagens das cidades ao longo da história, nos modelos propostos por Gadamer ao afirmar que *donde a obra de arte diz algo a alguém, a obra de arte que diz algo confronta-nos com nós mesmos. Portanto, compreender o que a obra de arte diz a alguém é certamente um encontro consigo mesmo* (GADAMER, 2010, p. 7). Dentro desse contexto, com as linguagens dos eventos tentamos desta forma, compreender estas tradições que ecoam como legados da cultura popular nos processos criativos que se expressam na recíproca troca de dons artísticos.

O modelo do “dom cerimonial” a propósito de Mauss (1974) nos revelou a noção de fato social total no ritual e estimulou a pensar o papel da reciprocidade entre artistas, espectadores e colaboradores nos eventos da cidade.

Os eventos são símbolos de reconhecimento da comunidade, num momento em que a cultura transforma-se em entretenimento, quando uma sociedade que *acompanhou a afirmação e negação de uma civilização da imagem* (DURAND, 1998, p. 12), recusa-se a si mesma.

Em Abaetetuba os eventos de arte envolvem identidades e um uso complexo dos esforços comuns em função de uma expressividade que se mostram como insurgências.

Ao pensar nesse aspecto, e ser desconcertado por um espetáculo da quadra junina – que me encorajou na fresta das torcidas, dos ensaios e do partilhar do gesto dançante – a mesma demonstrou ser uma destas insurgências que consegue agregar as formas de dançar compartilhadas na memórias, cores, sons, movimentos tematizados pelos grupos juninos. A cada ano esse imaginário se atualiza nas maneiras de dançar renovadas pela ação comum, seja na poética dos corpos que compõem uma fisionomia colorida e simétrica, ou ao longo de um “estar junto” pelo espetáculo conforme podemos observar na ilustração 6. Ao nos darmos conta da diversidade de temas apresentados pelas narrativas regionais (mitos e lendas amazônicas ou o imaginário junino) percebemos também a sua força e a sua função pedagógica nos diferentes grupos sociais da cidade.



Il. 6: Grupo de Dança Encanto Junino.
Fonte: Arquivos do Grupo, 2001.

Estas formas de resistências do imaginário que emergem de cada época e lugar pela criatividade das gerações, em auxílio da continuidade de tradições da arte popular presentes no tecer de pescadores, nos entalhes de artesãos, ou, no “batuque” de um Carimbó. A poesia como atributo da imagem, quando evocada num palco da semana de arte eterniza um momento: *Cheira à poesia, pelos ares desta terra. Voam aves Marias Quando o sol no rio se enterra, Correm montarias, Guajará não te espera, Morre mais um dia Na igreja o sino berra* (CARDOSO, 2002, p. 7), trata-se do retorno ao “sitio” do ribeirinho depois de um dia de trabalho na cidade.

Essas imagens que atuam nas dimensões criativas e receptivas, relembram Lefebvre ao afirmar que: *A cidade renovada se tornará obra. Assim, a arte traz para a realização da sociedade urbana sua longa meditação sobre a vida como drama e fruição, a arte restitui o sentido da obra* (LEFEBVRE, 1991, p.115).

Nas cidades ribeirinhas o sentido da obra passa pelo movimento que circula na cidade: A Tiração no mês de Janeiro inicia a Folia de Reis que lembram magos que visitaram Jesus Menino (Il. 7); a arte dos brinquedos de Miriti nas marés de Maio mergulham na “festa do olhar” encantado da tradição tal como visualizamos na ilustração 8; o





Il. 7: Tiração de Reis.
Fonte: lacilda freitas, 2016.

Il. 8: Festival do Miriti
Fonte: Jones Gomes.

concurso de dança nas fogueiras de junho ardem a beleza nas cores das fantasias, adereços e nos gestos sincrônicos que une gerações.

Em agosto com *A Semana de Arte e Folclore* comemora-se o aniversário da cidade: poesia, música fluem em meio a praça pública, concebendo e partilhando criações. Em novembro o Auto da Padroeira festeja Nossa Senhora da Conceição, com a arte do povo a devoção toma a dimensão da rua dando um tom carnavalesco ao culto a Santa. Estes símbolos são compartilhados pela educação estética das muitas comunidades que possibilitou ver a cidade que se encontra na arte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Olhar uma cidade pela dimensão estética-cultural, a partir do símbolo da comunidade foi nosso desafio neste artigo, para isso, percorremos o caminho das artes de fazer dos rios às ruas da cidade, observamos os eventos de arte que expressam uma sensibilidade ciclicamente organizada. Neles reconhecemos uma Abaetetuba submersa a influenciar o trabalho criativo de artesões, dançarinos, músicos, atores, coreógrafos, espectadores pelo imaginário; fenômeno que chamamos de Comunidade da Arte. Portanto, o complexo simbólico das paisagens amazônicas são expressos nas imagens específicas das quais tentamos detalhar as experiências compartilhadas nas margens. Por isso, a Cidade da Arte constitui relações mediadas por interesses estéticos diversos e concordantes. Justificamos isso em cada um dos eventos: Autos, Quadra Junina, Semana de Arte e Folclore e o Festival do Miriti.

Em cada um destes temos imagens parciais da Cidade que no conjunto configuram formas, gestos, movimentos compartilhados na urbanidade das águas. Por isso, demonstramos que a forma como se produz arte nas cidades ribeirinhas pode ser entendida na locução sincrética do fenômeno da cultura. No momento em que artistas e produtores voltam-se para os mitos, memórias e fazeres onde a cidade submersa se apresenta, as margens tornam-se centro

por onde a estética ribeirinha gravita. Entendemos, então, que estas artes circunscritas que foram aos eventos que lhe dão vida, pontuam relações que se singularizam na cultura pelo imaginário que reapresenta experiências comunicativas mediadas por símbolos, e, por sua vez, estruturam as imagens de cidade que vivenciamos. A Abaetetuba dos símbolos como: a Pacoca, o Rio, a Palmeira do Miriti perpassam processos criativos que configuram laços afetivos em torno da cidade. Assim, consideramos que os eventos cumprem uma função pedagógica ao permitir uma vivência de cidade, nas relações solidárias ou ainda encantadas pelas paisagens culturais dos jardins de símbolos da floresta “cifrada” que é a Amazônia.

REFERÊNCIAS

- ARGAN, Carlo. *A história da arte como história da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- BACZKO, B. Imaginação social. In: *Enciclopédia Einaudi*. Anthopos-Homem. Lisboa, 1985.
- BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo, Brasiliense, 1989.
- BURKE, P. *Cultura popular na Idade Moderna. Europa 1500-1800*. São Paulo: Cia das Letras, 2010.
- CARDOSO, Adenaldo. *O enterro do sol*. Belém: Relâmpago, 2002.
- COSTA, M. *Festa na Cidade: o circuito bregueiro de Belém*. Belém: EDUFPA, 2009.
- DURAND, Gilbert. *O imaginário: ensaios acerca da ciência da filosofia da imagem*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1998.
- FIGUEREDO, Aldrin. *A cidade dos encantados: pajelanças, feitiçarias e religiões afro-brasileiras na Amazônia 1870-1950*. Belém: EDUFPA, 2008.
- JUNIOR, Sanit-Clair; Maria TAVARES (Org.). *Cidades Ribeirinhas: mudanças e permanências*. Belém: EDUFPA, 2008.
- JURANDIR, Dalcídio. *Chove nos Campos de Cachoeira*. Belém: UFPA, 2008.
- LOUREIRO, João. A lenda como utopia social – Fundação mítica de Abaetetuba. In: *A Arte como encantaria da Linguagem*. São Paulo: Escrituras, 2008.

- _____. *Cultura Amazônica: uma poética do imaginário*. São Paulo, Escrituras, 2000.
- LEFVBRE, Henri. *O direito a cidade*. São Paulo: Moraes, 1991.
- GADAMER, Hans. *Hermenêutica da obra de arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- GOMES, Jones. *Cidade da Arte: uma poética da resistência nas Margens de Abaetetuba*. Tese (Doutorado). PPGCS. IFCH/UFPA. Belém, 2013.
- RODRIGUES, Carmen. *Vem do bairro do Jurunas: Sociabilidade e construção de identidades em espaço urbano*. Belém: NAEA, 2008.
- RODRIGUES, Neuza. Auto da padroeira (A procissão das artes) *In: Olhos da padroeira*, V. II. Abaetetuba, CD.
- MAUES, Heraldo. *Um aspecto da diversidade cultural do caboclo amazônico: a religião*. Estudos Avançados 19. Goeldi, Belém, 2001.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: EDUSP, 1974.
- MAFFESOLI, M. O paradigma estético: a sociologia como arte *In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, 1986, n. 21.
- NASSAR, Emmanuel. Brinquedos Populares *In: Cadernos de Cultura, Estudos 2*. Belém. Semec. 1984.
- SIMMEL, Geor. *Veneding, Aufsätze und abhandlungen-1901-1908 et al*. Frankfurtam Main: Suhrkamp, 1995.
- TONNIES, Ferdinand. *Comunidad y sociedad*. Buenos Aires: Losada, 1947.
- WEBER, Max. *Economia e sociedade: Fundamentos da sociologia compreensiva*. V. 2. Brasília: Universidade de Brasília, 1999.

NOTAS

- ¹ BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo, Brasiliense, 1989.
- ² JURANDIR, Dalcídio. *Chove nos Campos de Cachoeira*. Belém: UFPA, 2008.
- ³ Pacoca: Ilha encantada localizada no rio Maratauíra suposto lugar de morada da cobra-grande e da cidade submersa- em Nheengatu significa rio de correntezas.
- ⁴ Ver GOMES, J. *Cidade da arte: Uma poética da resistência nas Margens de Abaetetuba*. Tese de Doutorado, PPGSA/UFPA. Belém, 2013
- ⁵ Ato de refletir em meio ao movimento do rio/cidade, em meio ao estado de choque da cidade, o aspecto reflexivo da arte
- ⁶ RODRIGUES, Neuza. Auto da Padroeira (Procissão das Artes) *In: Olhos da Padroeira* .V. II. Abaetetuba, CD.

- ⁷ Ver JORNAL O liberal. *O colorido de Abaetetuba pode ganhar o mundo*. Belém, 03 de fevereiro de 2010.
- ⁸ Casamento dos ribeirinhos que dirigiam-se a cidade de reboque e o retorno as suas casas nas ilhas era marcado por cantos e versos dirigidos aos noivos, onde ocorreria uma grande festa.
- ⁹ Dança atribuídas aos negros remanescente dos Quilombos do rio Itacuruçá-Abaetetuba-PA
- ¹⁰ Teatro popular das comunidades rurais tradicionais das cidades ribeirinhas
- ¹¹ São artesãos ou vendedores que carregam uma cruz de miriti no círio de Nazaré Belém-PA, com finalidades devocionais e econômicas, cumprem uma tradição que virou símbolo estético do círio.
- ¹² Carimbo ritmo musical de origem indígena muito popular entre ribeirinhos que também o utilizam como dança.